

LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS: FERRAMENTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Maria Célia de Souza Pietrovski¹
Hudson Siqueira Amaro²

RESUMO

No cotidiano das escolas públicas deparamos com um problema comum: os alunos têm dificuldades de interpretar, compreender e produzir textos. Neste sentido, o presente artigo caracteriza-se como uma proposta que sintetiza orientações por meio de estratégias para leitura, interpretação e produção de textos tendo como foco os conteúdos da disciplina de História com o objetivo de oferecer subsídios para melhor refletir e propor soluções eficientes para o aprendizado do aluno e seu domínio da leitura, compreensão e expressão por escrito do que foi lido. A aplicação desta proposta foi realizada na sétima série do Ensino Fundamental, na disciplina de História através do uso de diversas fontes históricas. Salientamos a preocupação com a narrativa histórica a fim de oferecer aos alunos noções sobre o passado, de forma a ser compreendido em relação ao processo de constituição das experiências sociais, culturais e políticas do outro, no domínio próprio do conhecimento histórico. Estes procedimentos contribuem para a construção do conhecimento pelo aluno, como forma de desenvolver essas habilidades e melhor apropriar-se dos conhecimentos históricos que a escola lhe oferece, e assim desenvolver-se intelectualmente, como cidadão crítico, consciente e responsável por suas ações. Ao adotar tais referenciais metodológicos têm-se como foco principal a construção da autonomia intelectual, elemento imprescindível à formação da cidadania.

Palavras -chave: Ensino de História. Fontes históricas. Interpretação. Produção de textos.

¹Professora da Rede Estadual de Educação-PR
Participante do Programa de Desenvolvimento Educacional/2008
Pós-graduada em Ensino e Aprendizagem
Atuante na disciplina de História
E-mail: celiapietro@yahoo.com.br

²Professora da Universidade Estadual de Maringá-PR
Mestre em História
Atuante na disciplina Métodos e Técnicas para o Ensino de História
E-mail:hsamaro@wnet.com

Abstract

In daily public schools are faced with a common problem: the students have difficulties to interpret, understand and produce texts. In this sense, this article is characterized as a proposal that summarizes guidelines through strategies for reading, interpretation and texts production focusing on the content of the discipline of history in order to offer subsidies to better reflect and propose efficient solutions to student learning and their mastery of reading, comprehension and written expression of what was read. The implementation of this proposal was held in the seventh grade of elementary school, the discipline of history through the use of various historical sources. Underscore the concern with the historical narrative in order to provide students with notions about the past in order to be understood in relation to the process of establishing social experiences, cultural and other policies in the field of historical knowledge itself. These procedures contribute to the construction of knowledge by the student as a way to develop those skills and more appropriate the historical knowledge that the school offers, and so develop intellectually, as a citizen critic, aware and responsible for their actions. By adopting such methodological frameworks have been focused primarily on building the intellectual autonomy, an element essential to the formation of citizenship.

Keywords: History teaching. Historical sources. Interpretation. Text production

1. INTRODUÇÃO

A realidade da escola hoje exige que o professor educador utilize alternativas e práticas pedagógicas que propiciem ao aluno o aprimoramento de habilidades como: pensar, atribuir valores, investigar, indagar, relacionar, argumentar, analisar, sintetizar e produzir seu próprio conhecimento. Partindo do princípio de que a transmissão do conhecimento não é suficiente para garantir uma sólida construção do sujeito histórico, capaz de interferir nos rumos da sua vida e na do grupo social a que pertence, afirmamos que a principal tarefa do professor orientá-lo, através das atividades escolares, a atingir as habilidades acima mencionadas. Portanto, é necessário buscar outros percursos pedagógicos como instrumentos facilitadores do processo ensino-aprendizagem.

Isso significa criar alternativas para lidar com diferentes realidades sociais, diferentes eixos de construção cognitiva, tempos de aprendizagem e momentos conceituais, diferentes expectativas, experiências e saberes constituídos. Uma das tarefas a ser executada pela escola, é fazer com que o aluno desenvolva compreensão e domínio da linguagem, proporcionando-lhe condições necessárias para que possa tramitar entre as diversas possibilidades formais da língua a fim de que consiga realizar uma leitura crítica do mundo. Para isso, é imprescindível a leitura e a produção de textos, e, a escola como um todo precisa pensar sobre o papel do trabalho com os diferentes gêneros textuais como ferramentas de apropriação e desenvolvimento não só de competência linguística, mas de construção de diversos saberes advindos de diferentes áreas.

Embora o aluno traga da sua realidade social e histórica uma série de conhecimentos que poderiam auxiliá-lo na compreensão dos conteúdos das disciplinas, no cotidiano das escolas públicas deparamo-nos com um problema comum: os alunos têm dificuldades de interpretar, compreender e produzir os textos com que têm que lidar. Como consequência disso, não conseguem desenvolver uma postura crítica a respeito das questões que se lhes são apresentadas. O problema de leitura e escrita evidenciado na escola é uma deficiência dos alunos na aquisição do código, mas os textos escritos pelos mesmos apontam que o problema é mais amplo: falta consistência em relação ao conhecimento a ser discutido.

A capacidade de ler, interpretar e produzir narrativas sobre fatos ocorridos com o Homem em sociedade, é uma habilidade que deve se construída na sala de aula e sua aquisição pode ser alcançada trilhando diversos caminhos. O aluno, como leitor e escritor, demonstra falta de maturidade e até de vivências de práticas pedagógicas atrativas que o incentivem a ser perseverante para chegar ao domínio destas habilidades cognitivas.

O educando precisa se situar no mundo, compreendendo a intrincada teia de relações que o envolvem, mas para isso é preciso que a escola o ensine como conseguir esse objetivo. A capacidade de ler e compreender, e a de expressar o que compreendeu, de forma que esta aprendizagem seja coerente e possa ser incorporado à sua vida, ao seu modo de viver, se expressando em suas posturas e atitudes como cidadão consciente de si, não é inata ao aluno, ele aprende como fazer isso, e é função da escola prepará-lo para tal atividade.

Se o aluno se expressa corretamente, consegue expor suas idéias de forma compreensível ao seu interlocutor, isto é, a sua compreensão a respeito do assunto em discussão. Apesar de, saber se expressar corretamente não indica necessariamente que o aluno teve a compreensão correta do assunto estudado, ajuda muito no processo ensinoaprendizagem, pois no mínimo o professor pode diagnosticar onde houve falha na compreensão, por parte do aluno, e assim agir de forma a corrigir essa falha. Expressar a compreensão a respeito de um tema é uma habilidade que depende das habilidades de ler e interpretar. Isso é uma via de duas pistas, se o aluno se expressa melhor, por outro lado também se apropria mais do conhecimento que está expressando, e essas duas ações se retroalimentam e estimulam um aprimoramento da habilidade de ler, compreender e comunicar por escrito o que compreendeu da leitura. Ao ler o que escreveu, o aluno pode analisar as idéias que expôs e assim, interpretando o seu próprio texto, verificar se aquilo que disse no texto é exatamente o que queria dizer. Se o aluno lê bem e consegue interpretar bem o que lê, tem maior probabilidade de compreender melhor as questões com que se depara. Temos então que essas habilidades são interdependentes e cumulativas, vão se desenvolvendo e se aprimorando ao longo do processo de escolaridade. Mas, ler bem, interpretar bem um texto, expressar corretamente o que entendeu de um texto, não significa que entendeu bem uma questão, pois a mesma pode ter várias explicações, dependendo de quem se refere a ela. É preciso que o aluno consiga também compreender a diversidade a respeito de um tema, expressas em textos diferentes, produzidos por autores diferentes.

Por isso, não podemos relegar a uma só disciplina a responsabilidade de preparar o aluno para usar bem esse instrumental que o ajudará a compreender o mundo em que está inserido. É um trabalho que envolve pelo menos duas disciplinas escolares - Língua Portuguesa e História - com a intenção de pensar e propor estratégias que coloquem o aluno em contato com textos, escritos ou não, e a partir de sua reflexão, produzir textos comunicando o que compreendeu. Neste sentido é importante estudar as questões pertinentes, à seguinte problemática:

- Como fazer com que os alunos aprendam a interpretar a História, construindo suas narrativas históricas? Quais as estratégias para que esses sujeitos produzam textos a partir das diversas fontes históricas?

Acredita-se que esta responsabilidade não é exclusiva do professor de Língua

Portuguesa, o professor de História muito pode contribuir ao exercitar a leitura e a escrita em suas aulas proporcionando ações de interação dos alunos com o objeto de estudo e não apenas realizar a transmissão de conteúdos. Assim, é preciso utilizar procedimentos que possam auxiliar os alunos a desenvolverem uma capacidade argumentativa própria, através da qual assumam uma posição frente às discussões, mobilizando para isso conceitos históricos de modo claro.

Se o professor de História se preocupar apenas com o desenvolvimento da aprendizagem do ponto de vista do conteúdo de sua disciplina, se desincumbindo da ação de acompanhar o desenvolvimento da forma com que o aluno se expressa por escrito, estará subtraindo do mesmo a possibilidade de potencializar sua aprendizagem. E esse ganho no aproveitamento do processo ensino-aprendizagem não fica restrito à disciplina de História, sendo extensivo às outras disciplinas, pois, o mesmo terá instrumentos para aproveitar melhor todos os conhecimentos com os quais se deparar.

Faz-se necessário organizar o ensino de História de modo a orientar o aprimoramento linguístico do aluno pelo uso e reflexão dos conhecimentos históricos, utilizando-se deles para que ao longo do Ensino Fundamental, o educando possa assumir a palavra, produzir textos coerentes e consistentes, assumindo uma postura crítica adequada às diversas situações sociais e aos assuntos tratados.

Neste sentido justifica-se a criação estratégias, que sintetizem orientações para leitura, interpretação e produção de textos tendo como foco os conteúdos da disciplina de História que viabilizem atingir os objetivos aqui propostos e contribuam para que o aproveitamento dos estudos seja otimizado. Essas são as questões que imbricam a proposta de trabalho que geram as abordagens deste estudo e, esperamos que o mesmo possa oferecer subsídios para melhor refletir e propor soluções eficientes para o aprendizado do aluno e seu domínio da leitura, compreensão e expressão por escrito do lido, como forma de que tendo desenvolvido essas habilidades possa se apropriar dos conhecimentos históricos que a escola lhe oferece, e assim desenvolver-se intelectualmente, como cidadão crítico, consciente e responsável por suas ações.

De qualquer forma, é preciso que os rudimentos imprescindíveis às habilidades de ler compreender sejam proporcionadas aos alunos a fim de que os mesmos ao final da escolaridade estejam aptos a elaborar raciocínios e

compreensão do mundo a partir das informações que lhe sejam oferecidas pelas diversas mídias e fontes de informação. Ou seja, é necessário que o aluno receba orientações de como deve proceder ao trabalhar com um texto escrito, como deve apresentar oralmente e por escrito a compreensão que teve das informações com as quais manteve contato.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo da História já teve vários significados: narrativa, teológica, erudita, positivista, materialista; hoje possui uma visão mais ampla: o homem é visto como sujeito da própria história. A história da humanidade é a história de todos os homens engajados como seres sociais (sujeitos). Para os historiadores da Escola de Annales, o acontecer histórico se faz a partir das ações dos homens. A partir daí o conhecimento histórico se produz “com tudo o que pertencendo ao homem, depende, serve e exprime a sua presença, suas atividades, gosto e maneiras (BOIS, 2005)”.

As Diretrizes Curriculares para o Ensino de História (SEED, 2008, p.18) propõem que o ensino de História se beneficie da corrente historiográfica denominada Nova História Cultural, porque ela valoriza a diversificação de documentos, como imagens, canções, objetos arqueológicos, entre outros, na construção do conhecimento histórico. Tal diversidade permite relações interdisciplinares com outras áreas do conhecimento, como é o caso desta intervenção ao adotar procedimentos e interações com a disciplina de Língua Portuguesa e propor o ensino de História articulado à leitura, interpretação e produção de textos partindo do trabalho com diversas fontes na tentativa de realizar aproximações com o universo cultural do aluno e contribuir para transformá-lo em agente da história e, portanto também produtor de conhecimento.

A efetividade da linguagem, leitura e escrita, se dá no interior das práticas comunicativas, onde estão os processos sociais de comunicação, através da ação direta do emissor e do destinatário, numa relação de mútua implicação e dependência entre o contexto e os instrumentos postos em movimento para que se dê a comunicação construída social e historicamente. Essa complexidade exige que os alunos desenvolvam o domínio da oralidade, leitura e escrita a fim de permitir-lhes, enquanto sujeitos, adquirirem um novo estado ou condição de conhecimento

para interagir na prática social. O conhecimento é o fator que determina o grau de compreensão e participação ativa de qualquer cidadão, mas para que seja significativo é importante obtê-lo através de diferentes interfaces com a sociedade e sua interação com educação, obtendo condições para agir de forma crítica, responsável e democrática de modo que possa transformar os diferentes contextos em que está inserido.

Daí ser papel, também do professor de História, exercitar a leitura e a escrita em suas aulas. As atividades com a escrita nas aulas de História precisam perder o caráter meramente burocrático e, ao invés de exercitarem apenas a memória, desenvolverem nos alunos uma capacidade argumentativa própria através da qual assumam uma posição frente às discussões, mobilizando para isso conceitos históricos de modo claro (SEFFNER, 2006, p. 4).

Com relação ao ensino de História, Seffner (2006, p.108) afirma que “não dá para imaginar a área de história sem atividades específicas de leitura e escrita. Um dos objetivos do ensino de História deve ser o de “formar um aluno capaz de realizar uma leitura histórica densa do mundo, percebendo a realidade social como construção histórica da humanidade, obra na qual todos têm participação, de forma consciente ou não”. Além disso, a história é “uma determinada leitura do real, feita com a utilização de um conjunto de procedimentos e informações que orientam e validam a produção do conhecimento histórico (Seffner, 2006, p.109)”.

As Diretrizes Curriculares para o Ensino de História (SEED, 2008, p.11) adotam o pensamento de Rüsen, (2001, p. 30-36), quando propõe, entre os elementos teóricos mediadores a serem observados na constituição do pensamento e do conhecimento histórico, que:

As teorias utilizadas pelo historiador instituem uma racionalidade para a relação passado/presente que os sujeitos já trazem na sua vida prática cotidiana. Estas teorias acabam estabelecendo critérios de sentido para esta prática social. Estes critérios de sentidos são chamados de idéias históricas.

Os alunos trazem para a escola esta relação passado/presente, mesmo que de uma forma incipiente, já vivenciada na sua vida cotidiana e estas definem de algum modo a sua maneira de ver o mundo, sua idéias históricas. A escola deve se incumbir da tarefa de preparar o aluno para que ele consiga, através do domínio da leitura e interpretação do conhecimento histórico construído, analisar os fenômenos, processos, acontecimentos, as relações entre os sujeitos, o meio e o

momento em que estas ocorreram e como estas influenciam na organização das sociedades atuais.

O trabalho com as diversas fontes históricas permite a compreensão do conhecimento, historicamente construído, e, de que, em todas elas está presente uma determinada forma de discurso ou informação. Segundo Bakhtin (1997,p. 6), “O enunciado reflete as condições e as necessidades específicas do contexto no qual o sujeito produtor do discurso está inserido. Reflete-as não só através do conteúdo e estilo verbal, mas também pela construção composicional”. A abordagem da condição de produção e recepção de textos centra-se no estudo das possibilidades de produção e interpretação da linguagem, sejam elas de natureza formal ou contextual, com a participação de fatores de ordem social e histórica.

Ainda conforme Bakhtin, a linguagem é definida como atividade social prática resultante de uma relação social. É a articulação da experiência ativa em constante mudança, com a idéia de que a consciência é social; ou seja, é entendida como processo dialético. Assim, como os contextos sociais são diversos e evolutivos, o modo de utilização da língua também varia, ou seja, sendo as atividades humanas dinâmicas e variáveis, são também elaboradas maneiras diferentes de se compor textos, sejam falados ou escritos (BAKTIN, 1997).

Dessa forma, os locutores sempre reconhecem um evento comunicativo como uma instância de um gênero e, ao agirem numa situação determinada, fazem uso dos gêneros como elementos que fundam a possibilidade de interação. Quando um sujeito produz um texto, falado ou escrito, mobiliza uma série de conhecimentos, dentre eles conhecimentos acerca do contexto de produção e dos temas que serão mobilizados no texto. Conhecer as implicações da sucessividade que envolve a narrativa humana, bem como os conhecimentos dos bons textos, das boas estruturas linguísticas que traduzem tais narrativas não garantem a constituição de um sujeito histórico capaz de agir com adequação para uma sociedade melhor. Faz-se necessário ajustar esta necessidade de aprendizagem a um projeto educativo que invista na essência da formação do sujeito crítico, consciente e participativo, ou seja, é necessário que se ofereça aos alunos conteúdos significativos.

É importante optar por uma abordagem histórica em que os conhecimentos históricos, favoreçam o diálogo com os alunos, não só a apresentação do conhecimento, na forma de conteúdos apresentados aos mesmos, mas, a sua investigação, isto é, em que condição social tal conhecimento foi produzido: o que se

diz só pode ser entendido, levando em conta quem diz, por que diz, quando diz, com que matriz ideológica está afinado e a que matriz ideológica se opõe (MIRANDA; SANTIAGO, s/d).

Para Seffner (2006, p.111), ler um texto histórico é discutir suas raízes, seu local de enunciação, seu projeto. “A leitura da história considera análise dos pressupostos de que parte o autor, já que a narrativa histórica nunca é neutra”. Nesse sentido, é fundamental chamar a consciência do aluno para perceber que a neutralidade não existe. Todo texto é histórico na medida em que revela idéias e valores de um grupo social, em uma determinada época, podendo chamar outros discursos, outros textos, por isso remete a duas concepções diferentes; aquela com a qual concorda e, por implícito, aquela em oposição a qual se constrói.

“Narrar a História é compreender o outro no tempo. A narrativa histórica constrói-se por argumentos fundamentados em documentos (DCNs, 2008, p.22)”. Para os alunos esta narrativa precisa ser plausível. Para isso o professor precisa propor um diálogo entre as idéias históricas presentes nas narrativas dos historiadores, assim é possível perceber que a natureza da História é interpretativa. A narrativa histórica implica que o passado seja compreendido em relação ao processo de constituição das experiências sociais, culturais e políticas do outro, no domínio próprio do conhecimento histórico. Diante disto, os alunos devem conhecer a interpretação do outro pela narrativa histórica desse sujeito. As narrativas dos estudantes são constituídas pelas temporalidades e intencionalidades específicas deles, a partir do diálogo com as narrativas dos historiadores (DCNs,2008,p22).

Ainda segundo as DCNs de História (SEED, 2008, p.11):

As relações humanas determinam os limites e as possibilidades das ações dos sujeitos de modo a demarcar como estes podem transformar constantemente as estruturas sócio-históricas. Mesmo condicionadas, as ações dos sujeitos permitem espaços para escolhas e projetos de futuro. A investigação histórica voltada para descoberta das relações humanas busca compreender e interpretar os sentidos que os sujeitos atribuem às suas ações.

Para Saviani (1993, p. 27) "o que importa é o homem como conjunto das relações sociais, ou seja, o homem concreto, como síntese das relações sociais". É necessário realizar a obra educativa com um fim bem claro, conhecendo o tipo de homem que queremos formar, definindo os propósitos e valores que permitam a compreensão explícita, nítida, da condição humano - social vivida e almejada.

Neste sentido, fazemos uso das idéias de Libâneo (1989, p. 35) ao propor:

O professor não deverá se restringir em satisfazer apenas as necessidades e carências; buscará despertar outras necessidades, acelerar e disciplinar os métodos de estudos, exigir o esforço do aluno, propor conteúdos e modelos compatíveis com suas experiências vividas para que o aluno se mobilize para uma participação ativa.

O professor, exercendo o papel de mediador e orientador da aprendizagem deve trabalhar as realidades interacionais vividas no presente, a partir das circunstâncias da realidade atual, orientando suas projeções futuras. Nos textos usados nas aulas de história é possível identificar, contextualizar e interpretar as relações humanas e suas ações, usando para isso diversidades de gêneros textuais e outras fontes históricas.

A atribuição do sentido de um texto é historicamente construída. Por conseqüência, as formações ideológicas, provenientes das formações e de suas relações sociais, só se consubstanciam nas formações discursivas, por isso a aprendizagem linguística está ligada a uma identidade ideológica. Deste modo, discorrer sobre qualquer processo histórico é só o início de um percurso para o desenvolvimento do conhecimento e da consciência histórica mais ampla.

A disciplina de História é repleta de significação para compreender as relações sociais e importante para a formação da consciência histórica. De acordo com Rüsen, (1989):

Entende-se que a consciência histórica seja uma condição da existência do pensamento humano, pois sob esta perspectiva os sujeitos se constituem a partir de suas relações sociais, em qualquer período e local do processo histórico, ou seja, a consciência histórica é inerente à condição humana em sua diversidade. Em outras palavras, as experiências históricas dos sujeitos se expressam em suas consciências (RÜSEN,1989 *apud* DCNs, 2008, p.21).

Ensinar história a partir da perspectiva da consciência histórica significa se orientar no tempo a partir das múltiplas experiências do passado e expectativas de futuro, levando em conta a intencionalidade da ação dos sujeitos no presente. Para Rüsen (2001, p. 50-51), as orientações e os métodos da pesquisa histórica são distintos das orientações e dos métodos de ensino de História. Neste, considera-se o aprendizado de conceitos históricos que explicam o processo evolutivo da consciência histórica nos alunos, que pode ser expressa de formas diferentes.

Estes procedimentos possibilitarão ao aluno desenvolver o saber crítico proposto por Saviani. O saber crítico e competente pressupõe a capacidade compreender as questões fundamentais e perceber as relações entre as várias dimensões da realidade e das perspectivas científicas. Esse tipo de saber se caracteriza como teoria e prática que se articulam organicamente. Porém, é necessário buscar formas para desencadear processos que articulem as pessoas na discussão e enfrentamento dos problemas da realidade sócio – político – cultural (SAVIANI, 1993).

Para isso, a formação educativa do aluno depende de uma proposta pedagógica que tenha em vista a preparação do ser humano consciente e interativo, que tenha compromisso, disciplina e conhecimentos, pois esses são componentes básicos do papel social que a escola cumpre, de formar sujeitos capazes de questionar e transformar a sociedade em que vivem. Cabe aos professores em geral e de maneira específica aos professores de História conhecer o Projeto Político Pedagógico da escola, que reúne estes preceitos formadores e que são o direcionamento do fazer pedagógico.

Mas o professor não deve apenas conhecer o Projeto Político Pedagógico da escola em que atua, deve também concordar com ele e estar disposto a contribuir para que o mesmo seja implementado. Isso implica também que o professor participe do processo de elaboração desse projeto a fim de que sinta empenhado em colocar em prática um projeto que também é de sua autoria.

Para além, ou antecedendo, a feitura do projeto político pedagógico da escola, é necessário que o professor enquanto profissional tenha um “projeto político pedagógico pessoal”. É necessário que o professor acredite em algo, em uma determinada configuração da sociedade, que almeje viver nessa sociedade na qual acredita. É necessário que o professor acredite que a aprendizagem por parte do aluno tem a ver com a forma com que o professor o coloca frente aos conhecimentos que deve adquirir e dominar, ou seja, que a metodologia com que implementa o processo ensinoaprendizagem tem importância fundamental para que o aluno apreenda tais conhecimentos.

É em função desse “projeto pessoal” que o professor vai selecionar os conhecimentos significativos para a formação do aluno, nos moldes que ele pretende, dentro dos conteúdos programáticos da disciplina. É necessário ainda que seja um profissional disposto a estar sempre em busca de novos materiais que

possa utilizar em seu trabalho, sempre em busca de novas fontes e documentos, nas mais diversas linguagens, a fim de atualizar os conhecimentos e explicações com que lida em sala de aula. Acrescentamos que o professor deve considerar o conhecimento que o aluno traz de sua realidade social. É imperativo o conhecimento de pelo menos uma parte desta realidade, em outras palavras, conhecer o palavreado que o aluno utiliza com seus pares, suas origens étnicas e culturais, o tipo de entretenimento que ele aprecia, os valores de seu círculo de amizade, as músicas que ouve, os filmes que assiste, os vídeos-game que joga, etc. Se estes elementos da vivência do aluno não forem do conhecimento do professor, tudo o que dizemos sobre considerar a bagagem do aluno, será mero exercício de retórica.

O desafio está em poder enfrentar esta diversidade e a complexidade que ela gera no processo de ensinoaprendizagem. Para que isso ocorra, é preciso respeitar os processos singulares das pessoas, muitas vezes imprevisíveis, estimulando a empreitada do conhecimento, lidando com a diversidade, oferecendo oportunidades para que todos possam aprender principalmente àqueles que foram marginalizados do processo de aprendizagem. Por tudo isso, o desafio é ensinar e, mesmo assim, colocar-se na situação de um eterno aprendiz.

A parte difícil nessa empreitada é saber selecionar as fontes com as quais deve trabalhar sem perder a coerência e evitar um “tudo é relativo tudo é válido” que não contribua para a formação que se quer para o aluno. Por exemplo, os alunos Assistem a filmes como os da série “Jogos Mortais”, gostam muito de jogos de vídeo-game, principalmente os mais violentos tipo GTA, Bulling, entre outros em que os personagens do jogo devem agir de forma violenta e agressiva. Ouvem músicas que fazem apologia de uma relação hostil entre policiais e traficantes. Na maioria das vezes tais músicas falam claramente que a linguagem da violência deve prevalecer, que a vida na marginalidade tem seu glamour, que se deve atirar em policiais e outros comportamentos afins.

Há também uma literatura disponível, principalmente na internet que faz apologia de ações terroristas como forma de resolver conflitos étnicos ou diplomáticos, inclusive com manuais de instrução de como agir, como montar dispositivos explosivos e utilizar armas. Existe farto material bibliográfico que faz apologia de ideologias como o nazismo e oferecem outras explicações para as ações praticadas pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e também estimulam a sobrevivência dessa ideologia hoje.

Há material que apregoa intolerância religiosa, a pedofilia, as vantagens do sistema capitalista, da necessidade de uma revolução socialista, de direitos humanos e da validade de métodos de tortura para conseguir manter a paz (ou se livrar de desastros), enfim, a diversidade de materiais, fontes e documentos apresentando diferentes concepções de mundo é muito grande, e estão presentes na realidade social e histórica que o aluno tem em sua bagagem e com a qual vem para a escola por não ser possível deixá-la do lado de fora da porta da sala de aula.

O professor até poderá utilizar esses materiais de diversos matizes em sala de aula, desde que seja de forma crítica e com direcionamentos que tenham como base valores éticos e morais, apenas não pode utilizá-los ingenuamente sob a alegação de que deve proporcionar aos alunos o contato com fontes e documentação diferenciada. É nesse sentido que advogamos que o professor tenha um projeto pessoal coerente, que saiba selecionar as fontes com as quais vai trabalhar e principalmente como vai utilizá-las, se para fazer uma crítica ou se para instigar o aluno a adotar as idéias contidas na documentação com a qual vai trabalhar.

É importante que o professor saiba qual material e como utilizar e esteja consciente de que este provocará determinada reação nos alunos. Neste sentido, a intervenção do professor como efetiva prática de interação, se estabelece na relação com o outro e na mediação com o objeto de conhecimento, restaurando um processo dialógico capaz de ampliar a compreensão sobre os saberes já conquistados, os valores, os conflitos, os processos cognitivos e os mecanismos de resistência de seus alunos. Tal posicionamento deve ser estabelecido a partir de uma postura de escuta e de efetivo intercâmbio, assim, o papel do professor será o de promover experiências favoráveis e situações de problematização para que se oportunize a reflexão e com isso proporcione avanços no percurso do processo ensinoaprendizagem.

A partir deste direcionamento proposto, pretendemos que o aluno, na prática esteja disposto a cumprir com o seu dever em todos os momentos de sua vida, que possua iniciativa e vontade criadora; preparando-se para ser cidadão participante e ativo de sua sociedade, responsável direto pelo progresso da coletividade. Pretendemos que estes procedimentos, adotados no processo ensino-aprendizagem, venham favorecer a compreensão dos conteúdos que lhe são

oferecidos e que os alunos se tornem dispostos a se empenhar nesse processo em busca de alcançar o domínio dos conhecimentos que lhe são propostos.

Propomos também, mais atenção na oferta de domínio desse instrumental que é imprescindível ao processo ensinoaprendizagem, principalmente ao desenvolvido durante a escolarização, que é o domínio da língua, leitura, compreensão, associações e expressão do compreendido e das diferenças entre as leituras realizadas.

2.1. Método de Trabalho

As concepções teóricas fundamentadas na Escola de Annales e no materialismo histórico dialético, duas vertentes que na nossa opinião, tem aproximações, caminham na mesma direção e apontam a produção do conhecimento histórico como processo, construção, organização e estruturação, realizado pelos homens em suas amplas relações sociais. Salientamos ainda que as DCNs para o ensino de História recomendam “cautela em não adotar apenas uma visão teórico-metodológica como a única resposta para todas as questões pedagógicas (DCEF/SEED, p.12, 2008)”.

Nesta perspectiva a escola deve ser um espaço planejado para a transmissão e recriação de conhecimentos de forma crítica, construtiva e significativa. Mas, mesmo que a escola não se apresente ainda constituída e configurada dessa forma, dadas os vários fatores necessários para tal e que extrapolam o alcance do professor unicamente, na sala de aula, o mesmo professor não pode ficar alheio aos conhecimentos pré-existentes nos alunos, pois suas experiências servirão de ponto de partida para articular os conteúdos vinculados ao saber acadêmico (historicamente construídos), realizando a ampliação e domínio dos mesmos ao que é necessário para o seu desenvolvimento pessoal e o da sociedade, em consonância com as atuais propostas pedagógicas e necessidades que a escola vê-se abrigada a desempenhar em função das exigências da sociedade.

Visando contribuir com o processo de construção do conhecimento do aluno, o professor de História, ao trabalhar os conteúdos, deve diversificar sua metodologia, tendo como objetivo principal despertar o aluno para desenvolver seu raciocínio, o qual, utiliza operações similares na aprendizagem das demais disciplinas. Faz-se necessário proporcionar diversas formas de registro oral, escrito

e outras modalidades para oportunizar práticas significativas que venham ao encontro do interesse dos alunos e possibilitem o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. Com estes procedimentos espera-se que o aluno consiga sistematizar os conteúdos aprendendo a relacionar as ações dos homens a um contexto sócio-econômico-cultural e político mais amplo no qual estão inseridos.

Nesta proposta a sugestão é fazer uso de métodos de aprendizagem utilizados pela disciplina de Língua Portuguesa que propiciarão formas eficientes para a construção do conhecimento pelo aluno, de maneira especial o texto narrativo. Para conseguir estes resultados, é importante que o professor de História faça uso de diversas linguagens: verbal, escrita, plástica ou cênica, relacionando, tanto quanto possível os conteúdos em estudo aos das demais disciplinas. Assim, o aluno ao contatar diversas oportunidades poderá analisar, comparar, discutir e sintetizar, com a finalidade de aumentar seu universo de conhecimento. Quando o aluno for capaz de interpretar, entender a realidade e expressar oralmente e por escrito o que entendeu, podemos considerar que ocorreu uma aprendizagem significativa.

Sugerimos a utilização de uma intervenção no ensino de História por meio de estratégias para leitura, interpretação e produção de textos, apresentadas no decorrer desta exposição. Para melhor identificação, as estratégias direcionadas aos alunos estão organizadas em forma de quadros e identificadas com ícone específico.

Pretendemos que estas estratégias de ensino-aprendizagem proporcionem aos alunos uma ampliação no repertório de orientações de aprendizagem gerais, bem como relacionadas à produção de textos através dos conteúdos de História no que se refere aos elementos históricos: fato histórico, agentes sociais e cronologia (elementos de contextualização), semelhanças e diferenças, valores sociais e transformações ocorridas (articulação de idéias) e que possibilitem ainda a reflexão, argumentação e formulação de opiniões relacionando os diversos gêneros textuais apresentados para estudo, no momento de sua produção, com a realidade mais ampla do passado e da atualidade.

2.2 Estratégias de Leitura e Interpretação

A leitura é um modo privilegiado de a pessoa conseguir uma melhor compreensão de si e do mundo. Tendo em vista que a leitura é uma prática

eminentemente social, o papel da escola é ensiná-la ao aluno por meio de detalhado esmiuçamento dos constituintes históricos de um texto e sua ampla significação.

Se o aluno tem dificuldade para ler, comecemos com textos bem simples, adaptados por nós professores. O potencial explicativo dos conceitos será ampliado conforme as oportunidades de ter contato com textos mais complexos que forem surgindo. Haverá um avanço no processo de leitura se buscarmos os significados dos processos de relacionamento dos homens entre si e com a natureza, das diferentes formas de organização social e política, das diferentes experiências históricas vividas pelos grupos humanos dos outros tempos e espaços. Essa leitura ganha sentido na medida em que é realizada com um objetivo claro para o aluno. Não é ler porque tem que saber ou porque “caí” na prova. É ler em busca da solução para um problema ou questão.

A problematização histórica, ao ser transportada para o ensino, acerca de um objeto de estudo pode ser construída a partir das questões colocadas pelos historiadores ou das que fazem parte das representações dos alunos, de forma que encontrem significado no conteúdo que aprendem. É preciso lembrar que a história suscita questões que ela própria não consegue responder e de que há inúmeras interpretações possíveis dos fatos históricos (SCHMIDT, 2005, p.60). Esta compreensão deve estar clara para o pesquisador e para o professor, mas, o aluno da educação básica precisa de algumas respostas para ver significado no estudo da disciplina.

Os textos para leitura devem se referir ao conteúdo e à discussão apresentada em aula. São importantes a adequação ao nível de ensino, bem como à faixa etária do aluno. A escolha criteriosa dos textos é relevante para não se perder o foco do conteúdo abordado, de modo a permitir, com a reflexão e a discussão, a ampliação dos horizontes do conhecimento (DEB, 2008).

É importante possibilitar aos alunos a compreensão de que os acontecimentos históricos não podem ser explicados de maneira simplista. É necessário fazê-los entender que numerosas relações, de pesos e características diferentes, interferem em sua realização. Essas noções são fundamentais para a compreensão das mudanças e permanências, das continuidades e discontinuidades.

2.2.1 Interpretação e compreensão do texto

Para compreender bem um texto é necessário identificar o contexto social, econômico, cultural e político no qual ele está inserido no momento da sua produção (BOIS, 1990, p.247). Em determinados textos a informação sobre acontecimentos passados contribui para sua compreensão. Essa identificação vai depender do conhecimento sobre o que está sendo abordado e as conclusões referentes ao texto. O quadro 1 salienta para o aluno as atividades a serem realizadas que auxiliam a interpretação e compreensão do texto.

Quadro 1- **Atividades de interpretação e compreensão do texto**

Explorar os conhecimentos prévios	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura do título do texto. • Exploração do significado das palavras novas. • Levantamento: o que sabem acerca deste conteúdo?
Desenvolver a compreensão do texto	<ul style="list-style-type: none"> • Antes da leitura de um texto, fazer debates sobre o tema do mesmo. • Explorar conteúdo de um texto recorrendo-se apenas ao título e aos subtítulos. • Formular perguntas antes, durante e após a leitura.
Exploração do texto	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a estrutura lógica de textos. • Confrontar os alunos com as hipóteses formuladas previamente. • Responder às questões formuladas previamente.
Integração dos conhecimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhar os textos com desenhos alusivos. • Organizar a história com base num conjunto de imagens. • Fazer resumos e esquemas de diferentes tipos de textos.

Adaptado de RIBEIRO. Marta Flora Almeida Dias (2005, p. 126-134).

Para compreender as mensagens é preciso realizar perguntas ao texto e, ao se pensar nas perguntas a fazer, deve-se levar em conta que o texto é sempre, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa histórica e expressão de sujeitos da história, ou seja, foi produzido por alguém atuante em seu tempo. Eles evidenciam as ações dos sujeitos do processo histórico no qual surgiram. Para ajudar na compreensão do texto procedemos a sua análise, comparando-o a pontos de vista sobre os fatos apresentados a fim de verificar em que medida o texto permite o conhecimento do passado.

2.2.2 Explorar os conhecimentos prévios

Esta é uma das atividades de interpretação e compreensão do texto proposta no quadro 1 e aqui vai ser mais detalhada.

- Levantamento: este procedimento vai determinar o ponto de partida para o professor. Perguntar aos alunos: - O que sabem acerca deste conteúdo?
- Exploração do significado das palavras novas: facilita a compreensão correta do texto.

2.2.3 Exploração do texto

Nas atividades de leitura é importante identificar a estrutura lógica da construção do texto, explicando quais os parágrafos pertencem respectivamente à introdução, desenvolvimento e conclusão.

- Formular perguntas direcionadas a identificar as idéias centrais do texto por parágrafo. Ex: - O que está sendo narrado no 1º parágrafo?
- Estabelecer relação com as hipóteses formuladas previamente pelos alunos e utilizar-se de mais informações para ampliar a compreensão do tema, isto responderá às questões formuladas previamente tanto pelo professor quanto pelo aluno.
- Realização de questionamentos de acordo com o texto em estudo.

2.2.4 Integração dos conhecimentos

- Para ampliar a compreensão podemos acompanhar os textos com desenhos alusivos. **Sugestão de leitura de imagens:** -Imagem 1 : **O colar de ferro: castigo dos negros fugitivos;** -Imagem 2: **Capitão-do-mato.**
- É importante investigar o nível de compreensão dos alunos. Quando utilizar desenhos, esquemas e gráficos devemos observar se percebem as conexões indicadas, seja por setas, linhas, legendas ou detalhes nas imagens.
- Sugerimos o relacionamento entre o conteúdo em estudo a um contexto maior como: política mercantilista, colônia de exploração, monocultura, mercado consumidor externo, os interessados no tráfico de escravos e a dívida social que temos com os afro-descendentes.

2.3 Encaminhamentos para as atividades de estratégias para sublinhar, esquematizar e resumir

A leitura é um processo que envolve algumas habilidades, entre as quais a interpretação do texto e a sua compreensão. O processo se inicia pelo reconhecimento das palavras impressas (decodificação) quando temos contato com o conteúdo, passa-se à interpretação do pensamento do autor, para a seguir, compreendê-lo.

Faz-se necessário aplicar técnicas que facilitam a compreensão, a retenção e a documentação posterior. Entre essas estratégias, temos as que são utilizadas para reduzir a informação, destacando as idéias essenciais: **sublinhar**, ressaltando partes do texto, **esquematizar**, estruturando as informações e **resumir**, apresentando as informações seletivamente.

Sublinhar: é uma técnica usada para destacar as idéias principais e palavras-chave de um texto. Serve para identificar as idéias principais e secundárias do texto. A idéia principal está cercada de outros elementos que lhe dão suporte e a explicam (idéias secundárias). Sublinham-se somente palavras-chaves ou grupos de palavras ou frases, mas nunca parágrafos ou frases longas. Usar dois traços para sublinhar as idéias principais e um traço para as idéias secundárias. As palavras-chave serão usadas para elaborar o esquema.

2.3.1 Esquema: é um trabalho preparatório para escrever um texto, de qualquer

tipo, torna o estudo dinâmico, menos monótono e cansativo, facilitando a aprendizagem do conteúdo.

- Pode ser organizado usando-se, setas, linhas, colchetes, e marcadores diversos.
- Deve manter fidelidade ao texto original :- idéias do autor, sem alterações;
- Seguir a estrutura lógica do assunto (ordem das idéias), organizadas da mais importante para a menos importante.

2.3.2 Resumo

O resumo não é comentário crítico; deve ater-se às idéias do autor, sem emitir opinião própria. Alguns passos devem ser observados para que o resultado final seja satisfatório:

- uma primeira leitura atenta é indispensável para que você perceba o assunto em questão; outras leituras devem ser feitas (tantas quantas forem necessárias para selecionar as idéias principais do texto); é importante anotar o que for mais relevante;
- todo texto possui palavras-chaves que encerram as idéias fundamentais; essas idéias devem ser grifadas para que possam servir de ponto de partida para o resumo;
- nos textos bem estruturados, cada parágrafo corresponde a uma só idéia principal; só muda o parágrafo quando muda o assunto;
- durante todo o processo, a leitura atenta deve ser feita para verificar se está havendo coerência e seqüência lógica entre os parágrafos resumidos, para fazer os ajustes necessários.

2.4 Estratégias de produção: atividades preparatórias para a escrita

São estratégias que têm como objetivo esclarecer ao aluno como proceder na construção de um texto, como generalizar idéias de um conteúdo em um texto, ou como usar estratégias de solução de problemas.

2.4.1 Estratégias para pensar:

Ao iniciar a tarefa de escrever uma história narrativa, a primeira estratégia envolve pensar sobre quem lerá o texto, ou seja, antecipar quem será a audiência (a professora, os pais, os colegas). Os alunos podem primeiramente considerar um texto globalmente e, posteriormente, fazer revisões detalhadas de partes específicas, fazendo mais eficazmente múltiplas revisões das tarefas (RIBEIRO, 2005).

2.4.2 Estratégia para planejar:

Nas etapas anteriores sugerimos a estratégia de sublinhar, ressaltando partes do texto, as quais devem ser utilizadas na elaboração de um esquema. Este faz parte do planejamento, sendo um trabalho preparatório para escrever um texto, de qualquer tipo, serve também para aprender mais facilmente o conteúdo. O esquema é uma radiografia do texto, nele aparece o esqueleto do texto, ou seja, as palavras-chaves.

2.5 As atividades de escrita: construção de narrativa histórica

Quando o professor considera a produção de pequenos textos escritos pelos alunos, dentro de suas possibilidades, com interpretações e conclusões a respeito daquilo que estiver sendo estudado, utilizando linguagem verbal, plástica ou cênica, estes são respeitados e considerados efetivamente como sujeitos de um processo que é deles - a aquisição de conhecimentos.

Para que o aluno produza algum conhecimento, o professor deverá provocar a sua fala para que se expresse sobre seu mundo, sobre o que viu, ouviu e leu para depois estimular a produção do texto escrito, sem qualquer tipo de exigência ou promessa de avaliação. Supõe-se que o aluno, primeiro, compreenda o que leu, o que o professor falou e o que se discutiu em classe; segundo, que se estabeleça relações entre tudo isso, talvez até avançando além do que já foi dito em sala de aula; terceiro, que consiga colocar tudo isto por escrito.

Esta produção de conhecimento pelo aluno é indicada para concluir o tema quando este já tem informações suficientes para elaborar uma narrativa histórica. É também um ótimo instrumento de avaliação.

O quadro 2, apresenta uma série de perguntas que devem ser feitas a si mesmo e podem ser usadas como um guia para ajudar a generalizar idéias e a organizar a seqüência lógica na construção de uma narrativa. Constituem um exercício de reagrupamento a ser usado como recurso de interpretação e podem permitir a ampliação da análise de uma problematização histórica.

Quadro 2 – Orientações para produção de textos

Para você
aluno!



	Elementos históricos	Elementos de orientação
I N T R O D U Ç Ã O	1- Identificação: Agentes sociais (sujeitos)	- Personagens (quem?), fez o que, uma ação, um objeto. - Quem é/são o/os personagem(s) principal(s)? - Quem mais está na história?
	2- Fato histórico: um acontecimento (o quê?), uma situação	- Qual o fato, problema ou propósito? - O que mais o personagem principal faz ou quer fazer? - O que os outros personagens fazem?
	3- Cronologia/ Espaço	- Quando a história acontece? - Onde a história acontece?
D E S E N V O I V I M E N T O	4- Objetivos, causas	- Por algum motivo ou finalidade (por quê?).
	5- Formas de realização	- Um meio, realizado de tal forma (como?). - O que acontece quando o personagem principal faz ou tenta fazer isso? - O que acontece com os outros personagens?
	6- Semelhanças e diferenças; continuidades e mudanças	- Quais as relações do texto no momento da produção e a realidade atual?
C O N C L U S Ã O	7- Transformações ocorridas: um resultado	- Com qual efeito? Como a história termina? - Como o personagem principal se sente no final da história? - Como os outros personagens se sentem no final da história?

Adaptado de RIBEIRO. Marta Flora Almeida Dias (2005).

2.6 Análise dos Resultados

Nesta intervenção pedagógica a postura metodológica diante da utilização e a sistematização das estruturas de linguagem, a narração, a dissertação e a descrição, se realizam no trabalho cotidiano e persistente com o uso da palavra. Nas atividades de produção de texto, na disciplina de História, priorizamos a narrativa, porque ela circula no cotidiano dos alunos desde crianças. Eles falam do que sentem, o que vivem, contam histórias e recriam outras, enfim, narrar faz parte do dia-a-dia, sendo a primeira construção da criança.

No entanto, por se tratar de alunos da sétima série do Ensino Fundamental, faz-se necessário ampliar e propor estratégias para a produção de textos narrativos com características dissertativas. Uma dissertação exige clareza e coesão, precisa ser mais elaborada. São necessárias formulações de idéias, planejamento, organização da imagem e da seqüência das informações necessárias para a construção de um texto e no caso desta proposta, o texto escrito.

No ambiente escolar, é preciso abordar o texto em toda a sua dinamicidade, seu processo de construção e significação que inclui a consideração dos conhecimentos prévios, o reconhecimento das estruturas de organização – a contextualização e a seqüência lógica e ainda o uso de múltiplos recursos metodológicos, como a imagem ou outros textos produzidos por diversos autores. Estes pressupostos foram detalhados anteriormente através da elaboração de um Caderno Pedagógico contendo documentos, textos, imagens e respectivas estratégias para leitura, interpretação e produção de textos. Tendo como base a prática destes procedimentos é que passamos a analisar os resultados desta intervenção priorizando os aspectos acima citados.

2.6.1 Consideração dos conhecimentos prévios

O processo ensino aprendizagem deve se dar a partir de uma relação dialética, na qual o saber elaborado deve ser colocado frente ao saber que os alunos trazem e na escola, é necessária a ação mediadora do professor para reelaborar esse saber de modo que o aluno possa se apropriar de novos conhecimentos de forma prática para o seu cotidiano.

Na implementação da proposta pedagógica foram trabalhados os seguintes conteúdos: Sistema escravista no contexto do capitalismo mercantil, o tráfico negreiro, a escravidão em terras brasileiras, o cotidiano no trabalho e a resistência contra a escravidão. Procurou-se ofertar diversas linguagens ou representações para que o aluno faça uma construção reflexiva sobre dados ou fatos históricos apresentados.

Priorizamos a forma oral do trabalho com diversas fontes históricas para dar início às atividades propostas para que o aluno entendesse como se faz análise de um texto não escrito. Inicialmente foi escolhida uma imagem (quadro da sala dos professores) e levada para sala de aula. Também foram analisadas as obras **Capitão-do-mato** (RUGENDAS, Johann Moritz., 1823) **O colar de ferro: castigo dos negros fugitivos** (DEBRET, Jean-B., séc XIX) porque contém o contexto histórico do tema proposto: o trabalho escravo.

Durante os trabalhos observamos que muitos alunos conseguiam compreender mensagens que não estavam explícitas, mas no contexto histórico estavam presentes. Destacamos alguns resultados desta fase da intervenção pedagógica e citamos como exemplo os comentários dos alunos:

- “Se o capitão do mato tivesse outras oportunidades de trabalho, talvez não fosse perseguir seus semelhantes (D.D.F.)”
- “Após ser capturado, o escravo levava chibatadas do feitor e depois era derramado sobre ele salmoura que possui propriedades curativas, mas, deixa uma dor insuportável (J. R. S.F.)”.
- Contribuiu para que os alunos pudessem reelaborar o conhecimento prévio, ou seja o saber que trazem para a escola através de suas vivências e dos contatos anteriores com os temas em estudo contrapondo-os com as informações trabalhadas em sala de aula;
- Após observação atenta a cada detalhe da imagem os alunos puderam perceber que a disposição dos elementos, o uso de cores, o jogo de luz e sombra são recursos usados pelo artista para melhor expressar suas idéias e sentimentos e formam um conjunto de símbolos a serem compreendidos;
- Permitiu a observação, por parte da professora de como os alunos estabelecem relações entre as obras apresentadas e o conteúdo abordado em sala de aula e como se expressam para explicar as impressões que

tiveram a partir do contato com diferentes materiais apresentados;

- Os alunos demonstraram maior percepção na leitura e interpretação, fato que contribuiu para desenvolverem habilidades cognitivas que possibilitam a reflexão, a argumentação e formulação de opiniões favorecendo a organização do pensamento para realizar o registro escrito.
- A experiência foi importante porque os alunos demonstraram um ótimo nível de participação e passaram a ser mais atentos, pois em momentos anteriores só viam de forma muito vaga o conjunto da obra apresentada.

2.6.2 Reconhecimento das estruturas de organização: a contextualização e a seqüência lógica

A partir da compreensão da linguagem enquanto sistema simbólico, situado num contexto sócio-histórico determinado formula-se a expressão “produção de texto”, com a qual se pretende evidenciar o ato, o processo de elaborar um texto. Uma das maiores dificuldades para propor o estudo de textos se relaciona à sua estrutura, ou seja, como se organizar e sistematizar, ao longo das séries do Ensino Fundamental, as formas gerais da estruturação do pensamento por escrito, a narração, a descrição e a dissertação. São os elementos fundamentais da estrutura lógica do texto – introdução, desenvolvimento e conclusão – que vão determinar a clareza, a compreensão e a qualidade de comunicação, de maneira especial a do texto escrito.

A escola é tomada como um autêntico lugar de comunicação e as situações escolares como ocasiões de produção/recepção de textos. Portanto, no ambiente escolar, a produção de textos deve inserir-se num processo de interlocução que deve ser bem elaborado para ser compreendido. Mesmo não sendo especificidade da disciplina de História, este procedimento faz parte da aprendizagem do aluno e todos os professores devem estar atentos à forma de como expressam a compreensão dos conteúdos abordados em aula.

Quanto à contextualização

O processo de criação de texto deve estar assentado em passos muito bem definidos pelo professor porque implica a realização de uma série de atividades

mentais - do planejamento à execução - que não são lineares nem estanques, mas recursivas e interdependentes sendo fundamental a participação real e ativa do aluno e do professor para que haja um bom texto. Assim, procuramos resgatar a unidade do pensamento do aluno sobre o tema, valendo-nos da leitura, da análise da linguagem e da interpretação do contexto sócio-histórico descrito. Tendo por base a análise das produções realizadas pelos alunos destacamos os seguintes resultados:

- Nas atividades de produção de texto em torno de 90% dos alunos identificaram a situação e o contexto (espaço/temporal) onde as ações e relações humanas foram abordadas porque demonstraram o aprendizado de conceitos e elementos históricos como o fato histórico, agentes sociais e cronologia;
- As informações adquiridas através das leituras de imagens e de outros textos possibilitaram ampliação do conhecimento e foram utilizadas pelos alunos em diversas situações transcrevendo-as em seus textos;
- O enfoque da valorização do trabalho escravo, da contribuição do povo negro para a construção da sociedade brasileira, foi importante para que os alunos afro-descendentes se sentissem valorizados.
- As produções escritas pelos alunos permitiram à professora afirmar que no geral, todos compreenderam que ao aprender História devemos fazer uso desta aprendizagem para realizar transformações sociais que beneficiem a coletividade em seus direitos de cidadãos.

Quanto à sequência lógica

Constatamos ser este elemento de construção do texto um dos mais trabalhosos porque neste momento se dá a construção propriamente dita e vários elementos que comprometem a realização do trabalho com o texto estão presentes, a acomodação e resistência à escrita e as dificuldades de organização do pensamento. Entretanto, este é o momento para que o professor enfatize as atitudes positivas sobre a capacidade dos alunos para produzir textos.

- Em torno de 60% dos alunos consegue produzir, sob o direcionamento de um

roteiro pré estabelecido, de forma satisfatória um texto, expressando as idéias com clareza (coerência e coesão) estabelecendo relações entre as partes do texto e entre a tese e os argumentos elaborados para sustentá-la;

- Ressaltamos que 20% dos alunos expressam suas idéias com clareza, sistematizam o conhecimento de forma adequada e realizam interações com outros textos por meio de questionamentos, concordâncias ou discordâncias; demonstrando um ótimo domínio sobre a produção de textos;
- É nesta estrutura de organização do texto onde 20% dos alunos têm maiores dificuldades, sendo muitas vezes repetitivos nos argumentos e também apresentam dificuldades em estabelecer relações entre as partes do texto, principalmente no que diz respeito ao uso dos elementos de ligação entre os parágrafos;

A intervenção do professor, seu conhecimento e sua disponibilidade em ajudar, aliados ao interesse do aluno pela busca de novos conhecimentos, são fatores essenciais para dar continuidade a este trabalho em busca da construção da autonomia intelectual do aluno como elemento primordial na construção da cidadania.

2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais intenções ao realizar a intervenção pedagógica centram-se no fato de acreditarmos na necessidade de domínio da leitura, interpretação e produção dos textos como formas de e contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico do aluno e favorecer a compreensão da realidade em que está inserido. Leitura, interpretação e compreensão são habilidades necessárias no trabalho com as mais diversas fontes históricas a serem consideradas no estudo e ensino da disciplina de História, mas que podem se tornar muito mais úteis ao aluno quando, tendo se acostumado a desenvolver todo um processo de raciocínio para processar as informações, aplica o mesmo procedimento para analisar as informações que se referem a outras disciplinas escolares ou a outras áreas da sua vida em sociedade. Ao adotar tais referenciais metodológicos têm-se como foco principal a construção da autonomia intelectual, elemento imprescindível à formação da cidadania.

Na aplicação desta proposta na disciplina de História deve haver uma grande preocupação com a narrativa histórica para que ela possibilite aos nossos

alunos noções sobre o passado, de forma que o mesmo seja compreendido em relação ao processo de constituição das experiências sociais, culturais e políticas do outro, no domínio próprio do conhecimento histórico.

A utilização dos recursos que estão próximos dos alunos como, por exemplo, relacionar os conteúdos tratados em sala de aula com reportagens da televisão, jornal falado, novelas e até propagandas que usam linguagens com duplo sentido, sugerem revisão de conceitos e nos fazem questionar as mensagens por elas transmitidas. Esses procedimentos podem auxiliar aos alunos a desenvolverem uma capacidade de compreensão e argumentação próprias, de forma que possam assumir uma posição coerente com a de um estudante que caminha para ser um cidadão consciente de sua função em uma sociedade democrática.

Ao realizar esta intervenção constatou-se que o trabalho com a produção de textos demanda maior disponibilidade de tempo, empenho e dedicação especial por parte dos alunos e do professor, sendo a atuação deste, fundamental para que se obtenha resultados positivos. Neste sentido, é necessário uma formação pedagógica sólida para realizar tal direcionamento. Este fator aliado à resistência dos alunos em ler e escrever, à consciência do fato de não saber ou, não dominar os procedimentos essenciais para produzir textos e a acomodação gerada por esta somatória, são dificuldades a serem enfrentadas no dia-a-dia da educação, afinal, não se aprende a ler e escrever em um ano, mas ao longo da vida. Assim, há necessidade de dar continuidade a estas práticas pedagógicas, porém ampliando-as para todo o conjunto das disciplinas, o que só será possível através da intervenção direta do Departamento da Educação Básica.

As atividades direcionadas à leitura, interpretação e produção de textos permitiram compreender que embutido neste trabalho estão sendo oportunizadas ações que favorecem aos alunos a troca de experiências e conhecimentos adquiridos, a cooperação através dos trabalhos em grupo e apresentação dos mesmos além de comportamentos críticos e auto-avaliativos necessários à convivência humana. Importante é que, estas ações desenvolvem entre os educandos um clima de união e harmonia, onde todos possam somar e respeitar a individualidade de cada um. Estes valores, aliados ao conhecimento histórico, resultarão em transformações sociais que iniciarão na sala de aula e se estenderão por toda a vida.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: Dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora UNICAMP, 2ª Ed., 2005.
- BOIS, Guy. Marxismo e História Nova - In: Le Goff, Jacques, A Nova História. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DEBRET, Jean B. **O colar de ferro: castigo dos negros fugitivos**. séc XIX (Domínio Público).
- HOFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2003.
- KELLER, Cleverson B. Vicente. **Aprendendo a Aprender: introdução à Metodologia científica**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MAGALHÃES, Thereza C.; CEREJA, Willian R. Português: Linguagens. S.Paulo: Saraiva, 2006.
- NEVES, I.C.B. et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.
- PARANÁ/SEED. Departamento de Educação Básica. **Avaliação: um processo intencional e planejado**, 2008.
- _____. **Diretrizes Curriculares para o Ensino de História nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio**. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/>. Acesso em 08.06.08.
- RIBEIRO, Marta. F. A. D. **Ler bem para aprender melhor: um estudo exploratório de intervenção no âmbito da decodificação leitora**. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho>>. Acesso em: 20 11. 2008.
- RUGENDAS, Johann Moritz. **Capitão-do-mato**. 1823 (domínio público).

TOLLENARE, L. F. **Trechos de Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e Brasil.** São Paulo, 1979.

SANTIAGO, Ana M. de A.; MIRANDA, M. José M. **História e Linguagem: Elementos Constitutivos Fundamentais da Identidade Social do Aluno.** Disponível em <<http://w:ww.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/>>. Acesso em 10.06.08.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1993.

SCHIMIDT, M. A. M. O uso escolar do documento Histórico - In: **O saber Histórico na Sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2005.

SEFFNER, Leitura e escrita na história. In. NEVES, I.C.B. et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.

SILVA, V. R. **Estratégias de leitura e competência leitora:** contribuições para a prática de ensino da história. *História.* São Paulo, 23 (1-2), 2004

SILVA, Marcos (org.). **Repensando a história.** Rio de Janeiro: Anpuh/Marco Zero, 1984.